

# João Ramalho: vilão ou herói?

*Definições contraditórias cercam o misterioso fundador de Sto. André, de promíscuo a desbravador*

**Alessandro Soares**  
Da Redação

**J**oão Ramalho foi herói, vilão ou os dois? A história não registra com precisão se o fundador de Santo André em 1553 foi um nobre cavaleiro do rei de Portugal que decidiu vir por conta própria colonizar a nova terra no século XVI, ou se desembarcou aqui como degredado de seu país de origem, ou se era um judeu convertido foragido da Inquisição portuguesa. Se a história não tem dados precisos, a imaginação não tem limites. Há exatos 50 anos, o escritor Antonio Callado publicou pela José Olympio *A Cidade Assassinada*, peça em três atos, que mostra um João Ramalho velho e aguerrido, que odiava os jesuítas de São Paulo de Piratininga, especialmente José de Anchieta.

A peça insinua uma relação incestuosa entre sua filha Rosa Bernarda, fruto de seu casamento com a índia Bartira, filha do cacique Tibiriçá. Promiscuidade era uma das qualidades pejorativas atribuídas a ele pelos jesuítas de São Paulo. Estes lançaram em 1560, época em que se passa a peça, uma campanha tipo *abaixo Santo André*. Com a vitória, a vila fundada por padre Manoel de Nóbrega tomou para si a condição de centro propagador de bandeirantes.

Poucos historiadores se aventuraram na tentativa de desvendar esse personagem. Sabe-se que

ele nasceu por volta de 1470, em Vouzelas, Portugal. Era casado com Catarina Fernandes de Vacas. Os motivos e a data de sua vinda ao Brasil são incertos. Situada entre 1503, como náufrago, e 1512 ou 1517, quando subiu o Planalto Paulista. Aqui fundou e desenvolveu Santo André, casou-se com Bartira e teve muitos filhos com índias. Foi o alcaide-mor da vila e uma espécie de líder militar, mas não um mandachuva local que fazia o que bem entendia e aplicava justiça como bem entendia, pois na vila havia um juiz, autoridade

indicada pela capitania. Ramalho foi também vereador na Câmara, cargo que na época era semelhante ao de conselheiro. Teria morrido por volta de 1582, em algum lugar do Vale do Paraíba.

De seus restos mortais, afloram contradições. Na historiografia encontram-se considerações que vão desde um homem “nobre espírito” a “sedicioso”, “promíscuo” e “rebel-

de”. Para o memorialista andreense Octaviano Gaiarsa, 93 anos, “é absolutamente inconclusivo definir sua figura. Desconhecemos quem é ou quem foi João Ramalho, mas me coloco na posição dos que acreditam que ele veio para conhecer e desbravar novas terras”.

Precursor de Colombo, náufrago que aportou na costa brasileira, fidalgo da Corte, aventureiro ignorante, João Ramalho tem sido tudo na história, inclusive um ponto de interrogação.

*Peça de  
Antonio  
Callado  
sugere até  
relação  
incestuosa*